

Editorial

Comunicação, lingüística e o oncologista brasileiro

MARIA INEZ PORDEUS GADELHA¹, YVELISE DE CASTRO GUIMARÃES²

A sociolingüística tem estudado as modificações ocorridas nas línguas importadas, não só no Brasil, mas em todo o continente americano (Canadá, Estados Unidos e América Hispânica), definindo-as como "a vocação do colonizado, em busca de identidade lingüística própria". (Roberts & Kato, Português Brasileiro, Uma viagem diacrônica. Unicamp, 1993).

A par dessas modificações, assistimos também no Brasil a um desfile de equívocos e descuidos com a linguagem oral e escrita, que, ao nosso ver, têm desvirtuado o português e atestam a falência do sistema educacional vigente no país, nas últimas décadas.

Os erros cometidos são inúmeros e freqüentes e relacionam-se com múltiplos aspectos da língua: da semântica, da gramática e da acentuação e pronúncia das palavras, quando não se constituem em erros de conceito ou de interpretação. As atividades técnico-científicas são uma área de fácil percepção e análise desses erros: "deletar", "listar", "salvar", "copidescar", "printar", e muitas outras deformações originárias da incorporação tecnológica, e são observáveis em países que tampouco se desenvolveram globalmente na ciência e tecnologia, entre estas incluindo-se a Medicina. O desvirtuamento do português tem prejudicado a compreensão de temas médicos e, conseqüentemente, a comunicação entre os especialistas e suas clientela, platéia e leitores.

Uma das maiores alegações para que aberrações lingüísticas se incorporem e persistam no vocabulário médico-hospitalar é a de que o português não oferece termos que expressem o significado correspondente ao original, geralmente obtido do inglês. À preguiça mental se associa, neste caso, além da "lavagem cerebral" (tema e terminologia extensivamente utilizados por Schiller em seu "Brain Managers"), o esquecimento ou desconhecimento de que o português dispõe de mais vocábulos do que as duas línguas mais faladas do que ele, no mundo ocidental: o inglês e o espanhol. E já que aqui se citou o espanhol, é válido ressaltar-se a conversão errada de termos desta lingüística, notadamente o "en cuanto": qual médico atualmente, no Brasil, não "tem um papel social a cumprir enquanto profissional de saúde", ou melhor dizendo, "como profissional de saúde"?

Poder-se-ia prosseguir nesta linha de análise, inúmeros são os exemplos possíveis: o paciente deixou de "referir" as suas queixas e a sua história porque agora ele é quem é "referido" ao centro de "referência"; a "resolutividade" (resolubilidade) da política brasileira deixaria o nosso sistema de saúde "resolútil" e não "resolúvel"; o paciente é "reportado" a um serviço pelo médico e não é este quem se "reporta" às causas do encaminhamento do paciente... Ninguém que não esteja a par dessas "traduções" entenderá "desordem" como significando doença, enfermidade ou disfunção orgânica.

Enfocando-se o oncologista, o entendimento do que ele fala ou escreve muitas vezes só se faz possível entre seus pares, por possuírem estes últimos as informações necessárias para o processamento mental daquilo que ouve ou lê.

Imaginemo-nos não como interlocutores capacitados para proceder à "decodificação" da linguagem utilizada por um oncologista, mas sim como ouvintes incapazes de elaborar a associação de idéias e conhecimentos implicados no seu discurso. Quão grotesco nos pareceriam as frases: "O leito 9 é um pulmão", "Esta é uma leucemia", "Eis um linfoma" ou "Eu tive diarreia, eu tive náusea, eu tive vômitos, eu tive mucosite, eu tive leucopenia, em suma, eu tive toxicidade severa". Teríamos a percepção de que elas queriam significar, respectivamente: "O paciente que se acha internado no leito 9 tem câncer de pulmão", "Esta criança tem o diagnóstico de leucemia", "Este é o aspecto histológico de um linfoma" ou "Eu observei diarreia, náusea, vômitos, mucosite, leucopenia, em suma, toxicidade grave, nos pacientes que tratei".

Outras vezes utilizam-se verbos, cujo significado transforma o sujeito da frase de passivo em ativo, criando-se uma ação que o executor exerceria sobre si próprio, o que se constituiria em uma ação impossível e improvável ou não corresponderia à verdade. O exemplo mais corriqueiro desse tipo de equívoco é "O paciente fez cirurgia/radioterapia/quimioterapia", quando se quer expressar "O paciente *submeteu-se* à cirurgia/radioterapia/quimioterapia".

¹Médica Oncologista do Hospital Naval Marcílio Dias e da Coordenação de Programas de Controle de Câncer (Pro-Onco) do Instituto Nacional de Câncer; ²Graduada em Línguas Anglo-Germânicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro).

No momento em que se raciocinasse em português, o significado de "paciente oncológico" corresponderia a "paciente canceroso" e a "enfermagem cancerosa" não mais gostaria de ser "enfermagem oncológica". Há outros exemplos que transformam doenças e partes do corpo humano em verdadeiros desafios epistemológicos: Instituto de Mama, Hospital de Câncer, Clínica de Tumores, Grupo do Pênis etc.

Por erro de tradução ou não, o cancerologista brasileiro adota termos que se chocam conceitualmente com o que pretendem expressar. Dois exemplos são clássicos: um refere-se ao uso de "blastoma" como sinônimo de tumor ou câncer. (O Brasil apresenta-se endêmico de tumores blastomatosos que não os retinoblastoma, neuroblastoma, osteoblastoma, nefroblastoma, hepatoblastoma etc., com um detalhe que a epidemiologia não conseguiria explicar: epidemia de tumores blastomatosos entre adultos!) O outro consiste na utilização, com relação ao câncer de pulmão, da expressão "oat cell" querendo significar "carcinoma de células pequenas".

O último exemplo, por se verificar ser tão repetido e disseminado, justifica uma elucidação que não poderá ser classificada como primária ou pueril. "Oat cell" é a expressão que, no inglês, designa um dos três subtipos do carcinoma indiferenciado de células pequenas de pulmão, aquele composto de células linfocitóides, dada a sua aparência histológica lembrar grãos de aveia (o que não se aplica aos outros dois subtipos, o de células fusiformes ou poligonais, e o misto). A utilização, pelo oncologista brasileiro, de "oat cell" da forma que se dá implica, assim, em um evidente erro conceitual.

E mesmo quando o oncologista opta por expressar-se "em português", pode oferecer verdadeiras pérolas de exemplos de má tradução e de erros conceituais. Senão vejamos o uso que se faz do "não", a partir do inglês: "carcinoma não indiferenciado (é, então, diferenciado?) de células pequenas" ou "carcinoma indiferenciado não de células (é, então, acelular?!) pequenas" querendo corresponder a "carcinoma indiferenciado de células não-pequenas" (mas não necessariamente somente de células grandes), que, no inglês, se expressa corretamente como "non-small cell carcinoma". "Non-small cell lung cancer" corresponderia, assim, a "câncer pulmonar de células não-pequenas" ou a "carcinoma indiferenciado de células não-pequenas de pulmão". A incorporação da partícula negativa como mecanismo formador de novas palavras, recurso largamente utilizável na língua inglesa, mas não necessariamente na portuguesa, é também notada na linguagem do oncologista brasileiro (a doença residual não é mínima, mas sim não-maciça; a disseminação é não-regional, ou seja, sistêmica; e assim vai).

E a pronúncia das palavras? O oncologista brasileiro tem modificado a acentuação de palavras, em especial as paroxítonas, tornando-as proparoxítonas, mesmo que ele não utilize as notações léxicas correspondentes, quando as escreve. O exemplo mais clássico desta situação é a pronúncia de cisplatina como "cisplátina", da mesma maneira que se pronuncia "carboplátina" e não carboplatina. Para quem possa argumentar que isso são detalhes tolos e dispensáveis, faz-se a seguinte pergunta: se são tolices, por que a empresa farmacêutica exige que os seus representantes pronunciem "Paraplátin"? A identidade, inclusive (ou principalmente?) de um produto comercial, é fator preponderante para o alcance da comunicação e relacionamento humanos, qualquer que seja a sua natureza.

As considerações aqui tecidas sobre linguagem e comunicação em uma área do conhecimento humano podem ser aplicáveis a diversas outras, e não devem ser interpretadas como xenofobia ou purismo. A Ciência e o Conhecimento não podem ser isolados, por conta da sua elitização, involuntária até, quando devida a falta de comunicação. As pessoas devem ser responsáveis pela transmissão dos conhecimentos a que têm acesso e não somente por sua incorporação e aplicação. A criação e uso de uma linguagem que não favorece a comunicação originam interpretações as mais variadas, que, na Medicina, levam os pacientes à busca de soluções que dispensam bases técnicas e o método científico de investigação. E o Conhecimento não pode ser prisioneiro dos limites do individualismo e do corporativismo que têm caracterizado o comportamento humano.

Atualmente, as religiões se comunicam mais com os seus fiéis do que o faziam no passado. No século XVI já se reclamava do uso exclusivo do latim (e do latim culto!) por ocasião dos rituais da Igreja Católica, como uma língua que era restrita ao entendimento das elites (eclesiastas, nobres e juristas). Carlo Ginzburg, em seu "O Queijo e os Vermes", mostra a importância da "circularidade de influências recíprocas (do relacionamento entre os seres humanos), que se move de baixo para cima, bem como de cima para baixo", e do quanto representava a adoção do latim como língua oficial dos tribunais. O seu personagem-real assim se expressava: "Na minha opinião, falar latim é uma traição aos pobres. Na discussão, os homens pobres não sabem o que se está dizendo e são enganados." Substitua-se "pobres" por "leigos" e o que foi dito pelo personagem ganhará um caráter de atualidade, considerando-se a "língua" utilizada pelos profissionais brasileiros...

Simón Rodríguez, no século XIX, referindo-se à necessidade de educar-se a população da América Espanhola, ressaltava que "A quem não sabe, qualquer um engana. A quem não tem, qualquer um compra." E convidava: "Abra-mos a História: e pelo que ainda não foi escrito, cada um leia na sua memória." Parodiar o educador boliviano também resultará atual: "Aprendamos com a História: e pelo que ainda continua a ser escrito e dito, cada um busque em sua consciência."